



## **A Interferência da África no Processo de Formação da Cultura Afro-Brasileira<sup>1</sup>**

Tânia Regina de Oliveira da Cruz<sup>2</sup>

Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias, Candeias, BA

### **Resumo**

Este trabalho pretende averiguar quais as interferências artísticas o Brasil sofreu da África e essa indagação contribuiu para que fosse feito este estudo tendo como objetivo geral investigar as semelhanças existentes entre Brasil e África que são dois povos de países diferentes bem como reconhecer os impactos que as interferências artísticas Africana trouxeram para a sociedade brasileira. E os objetivos específicos são refletir sobre a importância do patrimônio cultural africano desde as colônias até os dias de hoje; reconhecer a contribuição africana para a formação da sociedade brasileira; enaltecer a pluralidade cultural e étnica; discutir sobre a convivência de dignidade e a troca de repertórios; compreender e promover a expressão cultural dos grupos sociais; promover o reconhecimento da dignidade e da igualdade. Percebe-se a forte troca cultural verificada entre os povos escravizados da África, os povos indígenas e o povo da Europa. Esses intercâmbios culturais ocorridos em diferentes séculos no decorrer da época do Brasil colônia colaboraram para a elaboração de uma cultura híbrida e suficientemente abastada. No que tange à cooperação africana é óbvio, especialmente na crença, gastronomia, ritmos musicais entre outros. Os negros escravizados tinham uma enorme variedade artística por conta da sua ascendência diferente com diversos dialetos, por terem origens de variadas regiões da África.

**Palavras-chave:** Intercâmbio; Semelhança cultural; África. Brasil

### **Introdução**

Este artigo sócio histórico é o resultado de um estudo bibliográfico realizado em um projeto de pesquisa na matéria de metodologia da pesquisa científica. O estudo fornece sólidos subsídios teóricos e busca ser objeto de pesquisa para analisar a existência e a importância dos negros africanos. O propósito de sua chegada ao Brasil da colônia até hoje foi mostrar os problemas que eles têm e estão vivenciando por meio de análise e reflexão, de forma a cooperar decisivamente para evidenciar a verdadeira importância do negro na formação da sociedade. Mostrar a necessidade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 07 – ÁFRICA: Um continente em constantes transformações e seus reflexos na sociedade do III Seminário Nacional de Sociologia, realizado de forma remota de 08 a 16 de outubro de 2020.

<sup>2</sup> Graduada em Educação Física (licenciatura) pela Universidade Católica de Salvador- UCSAL. Especialista em Docência do Ensino Superior pela faculdade Católica de Ciências Econômicas da Bahia – FACCEBA, especialista em Políticas Públicas pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro – Brasileira – UNILAB. Mestra pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais – FICS. Professora da Rede Municipal e da Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias - FAC.



de conhecer e entender sobre esse grupo de pessoas. Coisas que, até hoje, ainda são subestimadas e discriminadas em nosso meio. Faz-se necessário lembrar que a situação relatada envolvem muitas dificuldades.

O objetivo geral deste trabalho é investigar as semelhanças existentes entre Brasil e África que são dois povos de países diferentes bem como reconhecer os impactos que as interferências artísticas Africana trouxeram para a sociedade brasileira.

E os objetivos específicos são refletir sobre a importância do patrimônio cultural africano desde as colônias até os dias de hoje; reconhecer a contribuição africana para a formação da sociedade brasileira; enaltecer a pluralidade cultural e étnica; discutir sobre a convivência de dignidade e a troca de repertórios; compreender e promover a expressão cultural dos grupos sociais; promover o reconhecimento da dignidade e da igualdade.

Os resultados deste estudo revelam o seu desenvolvimento, especialmente pela importância do tema. Nos estudos bibliográficos anteriormente analisados neste projeto de pesquisa, as trocas culturais ocorridas ao longo dos séculos dos períodos colonial e monárquico afetaram basicamente o Brasil. O desenvolvimento populacional, social e econômico do país criou uma cultura muito rica e diversificada, a verdadeira cultura afro-brasileira.

Foram analisadas as obras de alguns autores, como Anthony, Barros, Chiavenato, Freire, Cavignage, etc. com a finalidade de retomar os manuscritos publicados que se relacionam fortemente com o tema em destaque. E alguns documentos oficiais. Promulgadas pelo Ministério da Educação e Cultura, como a Lei nº 10.639 / 03, Lei nº 9.394 / 96 e a Constituição Federal de 1988.

Essa questão é muito importante para pesquisadora por estar fazendo a licenciatura em História e também para os profissionais de História que querem entender melhor o assunto em estudo, acerca da África e sua influência na formação da população brasileira, observando a cultura afro-brasileira de uma perspectiva histórica e contemporânea, pois, este trabalho proporcionou uma melhor perspectiva por permitir-lhe uma melhor compreensão das intensas trocas culturais entre Portugal, os povos indígenas e, em especial, os povos africanos, que constituem os principais objetos dessa investigação.



## **1. O Negro no Brasil**

Pela relevância do assunto e pelo princípio da igualdade como base, faz-se necessário que as pessoas entendam a verdadeira importância do negro na sociedade brasileira para a compreensão de sua história e cultura. O preconceito contra a sociedade pode não ser tão grave e a real importância desse povo estimado.

Durante o período colonial e o período da monarquia brasileira, o desenvolvimento econômico do Brasil estava intimamente relacionado aos interesses mercantilistas que prevaleciam na Europa no início dos tempos modernos. Segundo a teoria do mercantilismo, a colônia existe para servir aos interesses da metrópole.

Há quase 400 anos, a escravidão é a principal relação de trabalho no Brasil. Além do trabalho para a criação de riqueza, a própria escravatura é também um negócio muito lucrativo. Os mercadores de escravos e a família real portuguesa geraram uma grande riqueza aqui. Consideravam o tráfico como o negócio mais lucrativo dando início a uma longa história da escravidão mantendo a economia colonial e o Império brasileiro.

Dada a escassez de mão de obra para o desenvolvimento econômico de um grande território como o Brasil, a primeira solução que os portugueses encontraram foi a escravidão dos indígenas. No entanto, devido à escravidão mal sucedida deles, o comércio de escravos foi considerada a melhor opção. Embora um pequeno número de pessoas tenha sido escravizado, embora essas pessoas fossem desobedientes e nômades, nunca foram os trabalhadores ideais exigidos pelos portugueses.

A primeira onda de escravos africanos chegou ao Brasil por volta de 1540. Naquele período possuíam uma elevada maioria da sociedade brasileira e a grande parte da mão de obra ocupada na colônia, eram fazendas de açúcar ou ouro no Nordeste e cafeeiros no Sudeste, com a pior Maneira de lidar com isso. Os escravos africanos foram um fator muito importante no campo econômico durante o período colonial e eram considerados "as mãos e os pés dos agricultores, porque sem o Brasil eles não seriam capazes de estabelecer, proteger e aumentar as fazendas, nem poderiam possuir as plantações existentes" (ANTONIL, 1982, p. 89).

Na escravidão, toda a economia colonial portuguesa dos Estados Unidos foi mantida, mas a contribuição da África durante o período colonial foi muito além do



campo econômico, pois os escravos puderam atualizar sua cultura original e criar novos costumes no contato com outras culturas das seguintes formas.

O trabalho escravo teve início durante o período colonial e da monarquia, e fez importantes contribuições para o desenvolvimento populacional e a formação socioeconômica do Brasil, e realmente criou a cultura afro-brasileira. O negro fez tudo, e tudo é devido ao negro, pois:

O trabalho escravo dos negros é o centro e o cerne de toda a história brasileira. Tudo vem da escravidão dos negros. Sem a existência de negros, nada é mais importante. Com esse entendimento, entraremos agora na questão da escravidão, na perspectiva do povo sofredor, para nos tornar uma sociedade (CHIAVENATO, 1993, p. 101).

Na escravidão, toda a economia das colônias portuguesas no continente americano foi mantida, mas a contribuição da África durante o tempo colonial foi adiante do campo econômico, devido os escravos puderam atualizar sua cultura original e remodelar novos costumes. Por meio da interação com outros povos. Com o apoio de alguns líderes tribais, os portugueses conquistaram a costa da África e começaram a capturar homens e mulheres na escravidão. Os negros foram adquiridos em guerras entre diferentes grupos culturais, e os negros conduzidos para o Brasil eram principalmente da costa oeste africana, pois:

Estimulados pelo processo de expansão, as guerras entre países africanos podem fazer prisioneiros. Neste caso, o povo conquistado tornou-se afluente e foi escravizado. Por exemplo, disputas políticas causadas pelo sequestro das mulheres mais importantes do clã também levaram à escravidão do povo. Para sobreviver, a fome leva à compra e venda de si mesmo ou de parentes, e a punição do crime ou da dívida é outra forma de escravidão no continente africano (MATTOS, 2007, p.65).

Os portugueses negociavam escravos, e os mesmos eram detidos e substituídos por artefatos, como tecidos, armas e conhaque brasileiro. No processo de ancoragem e negociação, muito tempo foi perdido e a troca de escravos demorou vários dias. Após serem presos, os negros eram acorrentados a um navio em um porão de carga lotado, úmido e mal ventilado e por causa dessa condição de traslado quase metade morria durante a viagem.

Depois de chegar ao Brasil, eram comercializados nos mercados da Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão e Pernambuco e sua mão de obra eram utilizados na monocultura da cana-de-açúcar, na monocultura do café, na mineração e no trabalho



doméstico. Às negociações envolviam vários estágios, o progresso era lento e os gestos estavam cheios de significado simbólico, uma vez que:

Os navios tinham que pagar pelo ancoradouro, e os capitães davam presentes aos chefes locais ou representantes de reis que viviam no interior. Costumam ser apresentados em tecidos requintados como brocado, veludo e seda, bem como botas de couro, chapéus de penas, casacos fofos, adagas e espadas, pipas destiladas, cavalos e vários produtos de prestígio (SOUZA, 2008, p. 59).

Os negros foram caçados e levados para o Brasil como escravos, separados das famílias para sempre, povo e solo. Eles se adaptaram gradualmente a novos idiomas, novos costumes e novos países. Eles começaram a se fundir com os colonos brancos da Europa e os índios da região, desenvolvendo os povos brasileiros e suas manifestações culturais, como em outros países dos Estados Unidos. Toda a economia das colônias e impérios dependia quase inteiramente do trabalho feito pelos escravos africanos. Freire apontou:

Embora no íntimo da sociedade africana o uso de escravos, como concubinas, servos e soldados, fosse uma dos importantes commodities de exportação, isso se devia à crescente demanda por mão de obra escrava pelos europeus nos séculos XVI e XVIII, período em que a escravidão se expandiu no continente.

O enorme aumento da demanda se deve à expansão dos ativos agrícolas americanos e ao fato de que o trabalho escravo é necessário para garantir a produção em massa. Por produzir as principais mercadorias do comércio internacional, tornou-se o sistema básico da economia e "quase países negros foram transportados da África para o Brasil para trabalhar na agricultura. Mobilidade notável" (FREIRE, 2000, p. 9)

Além de bastante lucrativa, a introdução do trabalho escravo da África também é significativo para o comando das extensões americanas conquistadas. Por exemplo, desde o estabelecimento do governo geral em 1548, a família real portuguesa tinha tentado monitorar de forma mais eficaz durante o processo colonial. Os africanos espalharam-se por todo o território brasileiro, realizando todo o tipo de trabalho braçal em engenhos de açúcar, fazendas de criação, arraiais de mineração, sítios extrativos, plantações de algodão, fazendas de café e áreas urbanas.

Foi dessa forma que negro africano contribuiu para o crescimento populacional e econômico do Brasil e tornou-se pela mestiçagem parte inseparável de seu povo. O estado brasileiro que recebeu o maior número de escravos africanos, devido a enorme



quantidade de engenhos de açúcar do Recôncavo e da necessidade que tinham de mão de obra foi a Bahia.

Os costumes, a língua, a organização social e a religião das áreas onde viviam os escravos e os trazidos para o Brasil são diferentes. Quando eram condenados por rígidas leis sociais nas estradas em pequenas aldeias e até mesmo em guerras, ficavam cheios de incertezas, por que além de serem deslocados das “aldeias onde cresceram, essas aldeias são o centro de seu universo e raramente conseguem manter relacionamentos próximos com conhecidos e familiares, mesmo que todos sejam capturados” (SOUZA, 2008, p 84).

As atividades desses escravos africanos eram diferentes porque eles vinham de diferentes partes do continente africano. A escravidão parecia ser uma importante relação social que afetara muito o dia a dia da colônia, uma vez que:

O modelo de extorsão econômica que crescia no Novo Mundo, imposta às populações com constante e alta mobilidade; por outro lado, a compulsão ao trabalho exigida pela mesma exploração de Colônia levou a uma cisão radical entre as duas camadas básicas da sociedade. [...] o trabalho de colonização sempre teve como objetivo aumentar a área de controle (rivalidade entre os Estados) e criar uma empresa de exploração predatória e itinerante, obrigando a aumentar a acumulação de recursos nos meios metropolitanos. [...] a administração direta do homem (escravidão) e a posse da terra (ainda mais uma doação) tiveram uma configuração psicologicamente forte sobre elas; mas os agentes da produção altamente comercializada enfrentavam o mercado diariamente, o que exigia que fossem essencialmente burgueses (NOVAIS, 1997, pp. 29-31).

Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul foram os estados mais influenciados pela cultura de ancestrais africanos e ambos os aspectos são influenciados pela cultura dos aborígenes africanos. Tráfico e migração interna de escravos após o termino do ciclo da cana-de-açúcar no Nordeste.

A variante cultural da África é retratada na diversidade de escravos, eles pertencem a raças diferentes, falam línguas diferentes e trazem tradições diferentes. Entre eles estão as tribos Bantu, Nagô e em jejum, cujas crenças religiosas contribuem para a religião afro-brasileira, bem como as tribos Hausa e Maltesa, que acreditam no Islã e são alfabetizadas em árabe. Como a cultura africana, e a cultura indígena, geralmente são suprimidas pelos colonos. Nas colônias, os africanos aprenderam o português, foram batizados com nomes portugueses, casaram-se e foram impostos a migrar ao catolicismo.





Obviamente, a participação de negros em manifestações católicas pode representar a conversão das crenças religiosas dessas pessoas e, assim, perder sua identidade. No entanto, muitos escravos até se diziam cristãos, e não abandonou a crença nos Oulissas, crenças religiosas e no vodu, que lhes deram origem. Com o tempo, a coexistência de crenças abriu caminho para o estabelecimento de novas experiências religiosas no Brasil com elementos africanos, cristãos e indígenas.

Na perspectiva dos representantes das elites coloniais, a emancipação das crenças religiosas africanas foi explicada de forma positiva. De acordo com suas tradições religiosas, muitos países africanos intensificaram seus antigos confrontos com outros grupos negros afetados pela escravidão. Com essa hostilidade mantida, a organização de fugas de fazendas e rebeliões pode ser bastante reduzida, e:

Na época da colônia, quase nada se sabia sobre o surgimento étnico dos africanos traficados para o território Brasileiro. No entanto, nesse período, passaram a designar a partir da área ou local de embarque, ou seja, da área de origem (VAINFAS, 2001, p. 66).

Embora os escravos africanos tenham origens diferentes, ainda existem dois grupos de destaque no Brasil: Bento e Sudanês. Os Bentos foram levados para o Rio de Janeiro, Maranhão, Pernambuco, São Paulo, Minas Gerais, Pará e Amazonas. Os sudaneses foram levados para a Bahia.

Uma grande parte dos escravos negros trazidos para o Brasil eram Bantu (Angola, Benguela, Congo, Moçambique, Owanbo, etc.). Como as línguas desses africanos são relativamente unificadas, o povo bantu é classificado. Embora tenham passado por um profundo processo de adaptação ao chegar aqui, muitas de suas culturas originais foram preservadas. Por exemplo, a maior fração do vocabulário da atualidade é o português usado no Brasil vem do Banta. Mais especificamente, vem da clementina, uma das maneiras de falar de Angola. Pode se afirmar que:

Desde o século XVII o povo Bantu dominou o tráfico de escravos no Brasil, concentrado no sudeste, mas distribuído em todos os lugares, inclusive na Bahia. (...) Os Bantos do Congo são chamados de Congo, muxicongo, rangogo, Kabana, Monjoro, enquanto os Bantos de Angola são chamados Massamagnana, Kasanchi, Randa, rebolo, caunda, quissamã, emac, Benguela (VAINFAS, 2001, p. 67).

Essa diversidade faz com que o povo Bantu apresente um traço cultural, principalmente na linguística e nos costumes no campo da religião, integrando todos as suas tradições religiosas com características do Cristianismo. Os africanos que



foram conduzidos para o Brasil eram politeístas, e a fusão religiosa resultou em fusão religiosa.

Os bantos, nagots e jejuns das colônias brasileiras criaram o candomblé, religião afro-brasileira baseada na crença orixás, que é praticada atualmente em todo o Brasil. Uganda também é amplamente distribuída. A religião combina elementos africanos com catolicismo e espiritualismo, incluindo as interações entre santos católicos e cristãos, pois:

Depois de vivenciar o primeiro período de autonomia religiosa (conhecida por documentos históricos), os Bantu testemunharam a transformação de seu culto. Por um lado, deram lugar à macumba. Por outro lado, seguem as regras do Nagô candomblés e só se diferenciam pela maior tolerância. A seita Bantu foi diminuindo gradativamente e eles acolheram o espírito indígena, o que levou a criação dos 'caboclos'. Eles entoavam cantos em português, enquanto o Nagong cantava apenas em línguas africanas. (KAVINAJÉ, 2009, p. 3).

A persuasão dos africanos não se limita à cozinha e à mesa de jantar brasileira, mas pode até chegar à cama, pois esse é um fenômeno comum de meninos que fazem sexo com escravos negros em casarões. Os escravos costumam praticar sexo e afrodisíacos porque "a perícia e a preparação do sexo e dos afrodisíacos tornam os escravos de Macumbeiro um prestígio tão elevado entre os senhores adultos e brancos adultos" (KAVINAJÉ, 2009, p. 343).

Além de afetar a vida sexual (ênfatisada nos livros '*The Big Villa*' e '*Sanzara*'), as canções que foram alteradas também devem ser mencionadas. A maioria das canções de ninar brasileiras vem do continente Português. As mulheres negras também sofreram um forte golpe da escravidão, embora os agricultores usassem essa mão-de-obra principalmente para o trabalho doméstico. Naquela época colonial, cozinheiras, criadas e até amas de leite eram comuns, e:

Com a chegada de escravos africanos e a participação das mulheres negras na vida familiar dos colonos portugueses, a canção de ninar portuguesa teve impacto na África. Na mesma canção de berço portuguesa, as bocas das enfermeiras negras também foram modificadas, ou seja: adapte-as às condições locais, ligue-as às crenças indígenas e às suas crenças. Portanto, a velha canção 'Escuta, escuta o menino' aqui passa a ser 'Durma, durma, meu menino', e Belém vem da 'nascente' de Portugal e do 'riacho' do Brasil (KAVINAJÉ, 2009, p. 380).

É notório que a babá se apropriou indevidamente da música portuguesa e a reinventou passando às pessoas um sentimento único, ou seja, o sentimento de África. Isso pode ser visto no borramento das palavras das canções, portanto:





Nossas canções gradualmente se adaptaram aos costumes e às línguas africanas. No contato das crianças com enfermeiras negras, a linguagem das crianças também foi aliviada. No Brasil, devido à influência das bocas africanas, certas palavras, mesmo quando hoje são pronunciadas em português, ficaram mais suaves no Brasil. Na experiência fervente da América tropical e subtropical, as bocas dos africanos se combinam com o clima - outra corrupção das línguas europeias (Ibid., p. 382).

Nesse caso, o português usado no Brasil foi fortemente influenciado pela África. Da África, temos as seguintes palavras: Batuque, Beniz, Cachaça, Catinga, Mole, Quentin, Jiló, McQueen Mariumba, marmbondo, soneca, tanga, samba, maxixe, zambumba, acarajé, carimbó, Canjica, etc. Os nomes também se destacam: Yurima, Yuri, Joaquin, Giuseppa, etc. Desse modo, o português, o português falado no Brasil, foi amplamente influenciado pela maneira como os escravos africanos falavam, e:

A ama negra costumava fazer o mesmo com as palavras e com a comida: ela os machucava, retirava suas espinhas, ossos, endurecimento, deixando apenas sílabas suaves na boca do menino branco. Daí esse menino português, que principalmente no norte do Brasil é uma das falas mais brandas do mundo. Sem yy ou ss; sílabas finas e suaves; palavras que bastam para se dissolver na boca das pessoas. A língua das crianças brasileiras, e até do português, tem sabor quase africano: cacá, bumbum, tentén, nenén, tatá, papá, papapo, lili, mimi (...) O amolecimento que se deveu em grande parte à ação de uma enfermeira negra com a criança; um escravo negro ao lado do filho de um mestre branco. Seus próprios nomes mais suavizaram, perdendo a seriedade, derretendo-se deliciosamente na boca dos escravos (KAVINAJÉ, 2009, p. 382).

Observa-se que o intercâmbio cultural entre negros africanos, hindus e portugueses foi intenso, especialmente em termos de língua, costumes, costumes, alimentação, pensamento e práticas religiosas. Portanto, esse intercâmbio cultural resultou em uma cultura afro-brasileira, com influências africanas visíveis em todas as figuras da sociedade brasileira, sendo impossível separar a cultura brasileira da cultura africana, indígena e europeia.

Na pintura foram muitos os pintores e desenhistas que se dedicaram a mostrar a beleza do Candomblé, Umbanda e Batuque em suas telas. Um exemplo é o escultor e pintor argentino Carybé, que dedicou boa parte de sua vida no Brasil esculpindo e pintando os Orixás.

Na foto, o francês Pierre Verger (que conheceu a Bahia em 1946 e permaneceu até o fim de sua vida) retrata os grupos brasileiros e todas as nuances do Candomblé no Brasil e na África em preto e branco. Começou como babalawo e vive até hoje na Fundação Pierre Verger de El Salvador, onde concentra todo o seu acervo fotográfico.



No folclore, as manifestações corporais de cateretê, jongo e samba tiveram origem na África. E instrumentos musicais como atabaque, cuíca, marimba e berimbau. A tolerância inspirou até certas formas de expressão como congadas e expressões musicais como lundu. Criada por escravos, a Capoeira é uma conexão de dança, música e artes marciais, é considerada uma errante e foi lutada de forma feroz.

No entanto, em meados do século XX, a burguesia brasileira foram gradativamente aceitando e admirando as expressões culturais afro-brasileiras como verdadeiras expressões artísticas nacionais, por exemplo, a música ocupou um lugar fundamental neste início de século.

A música criada por afro-brasileiros combina influência africana, elementos portugueses e, em menor medida, música indígena americana, resultando em uma variedade de estilos. A música pop brasileira é fortemente influenciada por ritmos africanos. As expressões mais conhecidas da música afro-brasileira são o samba, maracatu, ijexá, cacau, sinos e tambores, carimbó, lambada e maxixe. O samba é uma das pioneiras danças e ritmo da cultura brasileira na África. Vale salientar que:

Nesse período, houve muitos conflitos, adaptações e arranjos. Em geral, seja no período colonial ou no século 19, o patrimônio cultural de ascendência europeia era o mais valioso do Brasil, e as expressões culturais dos afro-brasileiros eram muitas vezes desprezadas, desencorajadas e até proibidas (PAIVA, 2001, p. 39).

Por esse motivo, nem todos os escravos permaneceram calados diante de abusos, humilhações e punições. Mesmo com registros históricos de sofrimento e humilhação, a trajetória dos negros em solo brasileiro é destacada por uma série de batalhas e lutas contra as formas de exploração sofridas por esses povos.

Levantes eram comuns em fazendas onde grupos de escravos foram deslocados, e os famosos quilombos ou quilombagem se formaram na floresta, por isso foram o principal movimento rebelde negro contra a escravidão. A forma tem quase quatro séculos até agora doméstico, pois:

Por meio da quilombagem, ficamos sabendo do movimento de uma rebelião permanente organizada e dirigida pelos próprios escravos, essa rebelião ocorreu em todo o país da escravidão brasileira. Desencadeou um movimento de mudança social, que é uma força que destruiu a escravidão em grande medida, minou seus alicerces nos níveis econômico, social e militar, e afetou fortemente este tipo de trabalho em crise e liberdade Substituído pelo trabalho (MOURA, 1989, p. 22).



Os seus membros resistiram aos ataques portugueses durante quase cem anos. Graças a essas atividades, eles podem praticar sua cultura, falar sua língua e realizar seus rituais religiosos. O maior e mais famoso é o Quilombo de Palmares, comandado por Zumbi em Alagoas.

No Século de Ouro (XVIII), alguns escravos conseguiam adquirir a liberdade após obterem uma carta de liberdade, que era liberada por seus senhores, por conta própria ou com um pouco de capital.

O Brasil passou por grandes transformações econômicas e sociais nas últimas décadas do século XIX. O contínuo desenvolvimento da produção de café no mercado de exportação aumentou muito a renda nacional e contribuiu para o desenvolvimento da indústria e do desenvolvimento urbano. Por outro lado, a pressão da Grã-Bretanha para acabar com o tráfico de escravos e a chegada de imigrantes europeus tem despertado o interesse na emancipação do trabalho escravo, pois isso constitui um obstáculo ao modelo econômico capitalista.

## **2. O Movimento Negro Brasileiro no Século XX**

De acordo com alguns estudiosos do movimento de resistência dos descendentes de negros brasileiros, o movimento negro existe desde a época da escravidão. No entanto, durante este período, era reservado e combativo. Naquela época, o movimento quilombagem era para libertar personagens mais radicais, não havia intermediário entre sua motivação e os interesses da classe nobre e era considerado a única forma de resistência à supressão do feudo.

Dos segredos às organizações sociais, a mobilização dos negros baseou-se originalmente nos conceitos de resistência e luta de seus ancestrais durante o período colonial, o que lhes proporcionou condições históricas de compreensão da contemporaneidade. Portanto, para visitar o passado para melhorar o futuro, os militantes estão dispostos a enfrentar a opressão, superando a desigualdade.

O movimento negro brasileiro começou em meados da década de 1910 com cidades como São Paulo e Rio de Janeiro como os principais centros de mobilização para lutar pela cidadania recém-adquirida e se transformar em uma organização nacional. O aparecimento de vários órgãos de resistência reforçou sua força, como a imprensa negra em São Paulo. Seu primeiro jornal, O Menelick, foi publicado em 1915, seguido por A Rua (1916), O Alfinete (1918), A Liberdade (1919), A Sentinela (1920),



O Getulino e Clarim d'Alvorada (1924). Esses movimentos continuaram até 1963, quando o Correio d'Ébano foi fechado. Vale salientar que:

Historicamente, o movimento negro, principalmente o movimento negro das décadas de 1920 e 1930, estava relacionado à educação. Essa preocupação está expressa no apelo educacional de jornais anteriores como o Clarim da Alvorada e o Voz da Raça. (...) Que pena, nossa história não é sistemática e não mostra a riqueza do esforço realizado (CUNHA JR, 1996, p. 147-148).

Esse movimento de cultura ideológica é também graças a imprensa negra de São Paulo, que foi criada a Frente Negra Brasileira (FNB), desenvolvendo-se nos anos 1930 como um dos mais fundamentais movimentos nacionais afro-brasileiros, tornando-se posteriormente um partido político. Com milhares de associados e apoiadores, a FNB tem desempenhado um papel de destaque no combate à discriminação racial, por exemplo, sendo responsável pela inclusão de negros nas forças públicas em São Paulo.

Com a chegada de Getúlio Vargas foi declarado ilegal e dissolvido em todos os partidos do Estado Novo, inclusive na Frente Negra que era um período de redemocratização, declarados ilegais. Daí em diante, até a redemocratização em 1945, o movimento social negro teve que retirar sua forma tradicional de resistência cultural.

Mas a invisibilidade política e social continuou, sendo o negro lembrado apenas como referência cultural ou mesmo como um problema para o desenvolvimento do país. Atualmente, a única exceção é o Teatro Experimental do Negro (TEN). Fundada no Rio de Janeiro a partir da ação Abdias do Nascimento, que teve como objetivo conscientizar os negros sobre sua origem, seu papel na sociedade brasileira e combater a discriminação racial.

Em meados das décadas de 1950 e 1970, surgiram dois importantes movimentos negros: a *Black Black Association* (ACN) e o Instituto de Estudos e Cultura Negra (IPCN). Como um movimento de demanda ideológica, o ACN não mediu esforços para ajudar os membros a estabelecerem comitês culturais, esportivos, estudantis, femininos e até de entretenimento. Após um período de expansão, recusou e ficou algum tempo inativo. Ele renasceu em 13 de maio de 1977, recebeu mais ajuda e metas de caridade, que incluíam a abertura de escolas e cursos de alfabetização gratuitos.



No ano de 1975, foi criado no Rio de Janeiro o Instituto de Pesquisa e Cultura Negra (IPCN), uma organização ligada ao movimento social negro, cuja manutenção é atribuída à contribuição de centenas de associados. É uma das pequenas entidades do gênero que tem sede, enfrentou problemas financeiros no final da década de 1980 e fechou as portas. Ambos tentaram restabelecer e criar uma base ideológica forte para o movimento negro brasileiro.

Mas este é um período de ditadura militar. Os militares transformaram a democracia racial do Brasil em uma de suas causas, acusando os militantes de insistirem em serem 'patriotas', 'racistas' e 'imitadores baratos' como ativistas nacionais. A identidade levanta a questão da discriminação. Para o *Manchester United* que luta pelos direitos civis, qualquer negro que se oponha a essa política é considerado um traidor do país. O movimento negro mais uma vez perdeu a capacidade de contestar, reduziu o direito de exigir participação política e buscou maior visibilidade social.

Como proposta política, o movimento negro só apareceu realmente no dia 7 de julho de 1978. No período, um projeto de lei desenvolvido em São Paulo contraria a discriminação de quatro jovens negros no Clube da Discriminação (Tipartê Tietê) desencadeou um negro unificado contra a discriminação racial. Movimento (MNU). Esta data foi posteriormente chamada de Dia Nacional Contra o Racismo, pois:

Os esforços acadêmicos e conjuntos na educação são um dos mais importantes. Na verdade, do zero, em 1978, já foram escritos mais de 20 artigos, 100 artigos, livros, textos e obras. Embora vários programas de mestrado e doutorado imponham restrições sobre o assunto, as diferenças de experiência entre alunos negros e brancos têm causado divergências de formação ideológica; na questão da escassez de especialistas na região, é importante que o trabalho seja feito (CUNHA JR, 1996, p. 153).

Devido o encerramento da ditadura militar, o movimento ressurgiu em 1980, mais precisamente na segunda metade da década, permitindo que as pessoas desfrutassem de maiores liberdades políticas e civis. Os negros perceberam suas necessidades e iniciaram uma nova etapa de sua luta armada.

Como fórum privilegiado de debate sobre discriminação racial, a constituição do Movimento Negro Unificado (MNU) se reflete na atitude do Estado sobre o assunto e, em 1984, foi finalmente criada a primeira instituição pública voltada para incentivar os movimentos sociais afro-brasileiros: de o Comitê Participação. Também deu início ao desenvolvimento da comunidade negra liderada pelo governo Franco Montoro,



defendendo e nomeando o chamado Comitê Arinos de representação dos negros, que criminalizou a discriminação racial na Constituição brasileira de 1988. Promulgado em 1989 pelo deputado Carlos Alberto de Oliveira.

Nesse caso, o que antes era chamado de 'África' é entendido como 'Brasil africano' ou 'Brasil'. Os indivíduos não estão falando de 'seitas africanas', mas de 'seitas afro-brasileiras'. As pesquisas sobre essas religiões estão caminhando em um novo caminho. Artur Ramos (1940) e depois Edison Carneiro, (1978,1981) e Roger Bastide (1978,185) finalmente desistiram da corrida. A conexão entre baixa autoestima e crenças religiosas negras (politeísmo, ismo, etc.) é substituída por uma releitura da história e cultura, e:

Essas religiões foram tratadas dessa maneira pela primeira vez e receberam ampla pesquisa e atenção. Máriode Andrade organizou um grupo de pesquisa folclórica que varreu o Nordeste e o Norte do Brasil, documentando em registros e fotos as principais expressões religiosas dos afro-brasileiros. Em Recife e em El Salvador, foi realizado o primeiro Congresso Afro-Brasileiro, em que, em evento oficial, se reuniram círculos religiosos, cientistas e políticos, divulgados pela imprensa (AMARAL E SILVA, 1996, p. 205).

Com o objetivo de consolidar o movimento negro ao longo do século 20, os demais grupos se organizaram. Desde a elaboração e promulgação da Constituição Federal em 1988, o movimento negro brasileiro deixou de ser passivo, mas iniciou operações militares fora de seus direitos. Sobre direitos a Constituição brasileira assinala que:

Assegurar o exercício dos direitos sociais e pessoais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça são os valores máximos de uma sociedade fraterna, pluralista e imparcial baseada na convivência social (BRASIL, 1988, p. 1).

A constituição é útil porque tem disposições legais para proteger uma série de direitos para os negros, mas é preciso mais. Dessa forma, o Brasil se empenha em criar um Estado jurídico democrático e valorizar a cidadania e a dignidade humana. Traz proteção e dá aos grupos minoritários o direito à diversidade. Este é um de seus objetivos básicos, "promover os interesses de todas as pessoas sem preconceitos de origem, raça, gênero, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação" (Ibid., p. 3).

Os seus princípios assentam na universalidade dos direitos humanos, na tolerância das diferenças e na rejeição de qualquer forma de discriminação, que se





transformaram nas "Normas Nacionais de Educação e Lei Básica" no domínio da educação.

A atual Lei dos Países Menos Desenvolvidos (Lei nº 9.394 / 96) foi sancionada pelo Presidente Fernando Enrique Cardoso e pelo Ministro da Educação Paulo Renato Souza em 20 de dezembro de 1996. Para estabelecer um modelo de educação adequado à realidade do país. A Lei Diretriz e Fundamentos da Educação (LDB) determinam e regulamentam o sistema educacional brasileiro mediante os princípios da Constituição. Localiza-se na 'Constituição Federal' e define as diretrizes do ordenamento geral da educação. A lei legitima a importância da ação interdisciplinar para salvar a cultura popular e aumentar a diversidade cultural.

No entanto, ainda possui uma realidade caracterizada pelo preconceito, racismo e posturas subjetivas e objetivas discriminatórias contra os afrodescendentes, que sempre enfrentaram dificuldades para se matricular e frequentar a escola. Na mesma linha de pensamento tem-se que:

No início dos anos 80, parte do debate sobre raça foi realizado na diversidade cultural 'PCN'. Acredito que seja uma maneira de destacar as diferenças culturais e raciais, incluí-las no currículo e atender às exigências do movimento negro (SOUZA, 2001, p. 54).

Seguindo as diretrizes constituintes, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) focam em seus objetivos de valorizar a a diversidade cultural existe no verdadeiro todo inserido nas instituições de ensino, ou seja, valorizam a valorização das riquezas de uma região e de uma nação, e a salvação e preservação de costumes e tradições.

Para quebrar o modelo de preconceito, baseado no bom senso, existem vários aspectos da nação brasileira submeteram ao Congresso Nacional o pedido de lei, neste caso, aprovada e sancionada, para inserir no currículo oficial da Rede de Educação o tema obrigatório 'História e Afro Culture '-brazilian'. Na matéria da revista Nova Escola, enfatiza-se a questão da desvalorização de conteúdos relacionados ao tema destacando que:

O pequeno caso da cultura africana se reflete na sala de aula. Somente quando o assunto é escravidão é que o segundo continente da terra aparece nos livros didáticos, o que torna frouxo o conceito de diversidade de nosso povo e minimiza a importância dos afrodescendentes (GENTILE, 2005, p. 42).



Em seguida, a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, elaborada pela então deputada Esther Grossi (PT), determina que as instituições de ensino adaptem o currículo à introdução do estudo da África e dos africanos, a luta do negro no Brasil, negro brasileiro cultura e negros na formação da sociedade nacional, a fim de resgatar sua contribuição nas áreas social, econômica e política, no que diz respeito à História do Brasil. Vale salientar que a Lei nº 10.639, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino o tema obrigatório “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências (BRASIL, 2003).

O diferencial dessa proposta é (re) direcionar o método de ensino, propiciar sua relação interdisciplinar, combiná-la com o ensino da história e da cultura africana e brasileira na educação básica e tomar medidas para corrigir o material causado pelo racismo. Danos físicos e psicológicos. E formas relacionadas de discriminação; o desafio da Lei Federal nº 10.639 / 2003 estabeleceu sua obrigatoriedade.

No Brasil, devido à situação das vítimas de discriminação racial e racismo, a importante política de ação racial afirmativa que visa proporcionar discriminação, exclusão e exclusão aos negros para compensar suas desvantagens responde por grande parte das propostas. A resolução foi proposta pela Terceira Conferência Mundial contra o Racismo do Brasil em Durban, África do Sul em 2001.

Na organização do movimento social negro nacional e em alguns espaços acadêmicos restritos. O debate começou com as cotas digitais. Essas discussões sobre a implementação de ações afirmativas reacenderam a polêmica sobre a cor e a classificação étnica dos brasileiros. A proposta de cota de alunos negros nas universidades públicas gerou discussões sobre a demarcação de raça, ancestralidade e identidade racial.

### **Considerações Finais**

Pela importância desta pesquisa, almejou-se evidenciar o tema, pois revela no contexto que é necessário hoje compreender verdadeiramente a importância do povo negro com sua história e cultura. O objetivo foi enfatizar algumas reflexões relacionadas ao tema e revelar a importância de se reconhecer a existência da cultura



africana no território brasileiro, além de explicar de forma crítica e reflexiva diversas questões relacionadas ao contexto histórico.

A partir da história e cultura se encanta com um real apreço pelo povo africano. Percebe-se que as dificuldades e injustiças que sempre existiram no meio social brasileiro desde que esses povos foram forçados a chegar, por exemplo, o confronto mediante várias culturas e as grandes injustiças sociais contra essas culturas são as mesmas.

Faz-se necessário reconhecer a existência da cultura africana muito marcante em nosso meio social no território brasileiro, além de explicar de forma crítica e reflexiva diversas questões relacionadas ao contexto histórico. E desta forma pode-se afirmar que existe de fato uma cultura afro-brasileira

Dada a importância desses encontros históricos, como resultado desta pesquisa, espera-se fornecer um rico conhecimento sobre a história cultural da África e do Brasil para pesquisadores que buscam informações ou estejam cientes das dificuldades e dificuldades vivenciadas por esses povos. Na história da estruturação do povo brasileiro, o povo africano foi e são agora as maiores vítimas, incluindo várias injustiças e atos violentos: físicos, psicológicos e sociais. Prova principalmente os problemas relacionados à fome e à educação, como a falta de fome e educação.

Esta pesquisa é dirigida a pessoas que buscam conhecer o melhor caminho de criação cultural afro-brasileira nas questões relacionadas ao contexto social brasileiro. Principalmente para educadores das áreas de história e geografia.

### **Referências:**

AMARAL, R.; SILVA, V. G. Símbolos da herança africana. Por que candomblé?" In: SCHWARCZ, Lilia M. e REIS, Letícia Vidor (orgs.) - **Negras Imagens. Ensaios sobre escravidão e cultura.** São Paulo:EDUSP/Estação Ciência, 1996.

ANTONIL, A. J. **Cultura e Opulência do Brasil:** São Paulo: EDUSP, 1982.

BRASIL. **Constituição: República Federativa do Brasil.** Brasília (DF): Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL - Lei nº. 9.394, de 20/12/1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96.** Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: [s.l],2004.



BRASIL. Lei Federal nº. 10.639, de 9/01/2003. **Estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira no currículo da Rede de Ensino no Brasil.** Brasília: Gráfica do Senado, 2003.

CHIAVENATO, J. J. **O negro no Brasil: da senzala a guerra do Paraguai.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

CUNHA JR, H. As estratégias de combate ao racismo, movimentos negros na escola, na universidade e no pensamento brasileiro. In: MUNANGA, Kabengele (org). **Estratégias políticas de combate à discriminação racial.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996.

GENTILE, P. **África de todos nós.** Revista Nova Escola. São Paulo: Editora Abril, 2005.

GOULART, S. **Racismo e luta de classes.** Florianópolis: Conhecer, 2002.

KAVINAJÉ, T. K **O sacrifício do povo africano cultura Afro - Americana.** Disponível em: <http://www.ritosdeangola.com.br/Historico/historico04.htm>. Acesso em 07 de abr. 2012.

MATTOS, R.A. **História e Cultura afro-brasileira.** São Paulo: [s.l.], 2007.

MOURA, C. **História do negro brasileiro.** São Paulo: Ática, 1989.

NOVAIS, F. A; SOUZA, L.M. e (orgs.). **História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PAIVA, E. F. **Escravidão e Universo Cultural na Colônia.** Minas Gerais: UFMG, 2001.